



**COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL NA ABORDAGEM CENTRADA NA
PESSOA: CONTINUIDADE DO PROCESSO E ESTRATÉGIAS PARA
DIFICULDADES COMUNICATIVAS**

Hívina Rodrigues Martins

Discente do 10º Semestre do curso de Psicologia Centro
Universitário- UNIVAG – Campus Cuiabá
rodrigueshivina@gmail.com

Patrícia Mara da Silva Gomes

Discente do 10º Semestre do curso de Psicologia Centro
Universitário- UNIVAG – Campus Cuiabá
patriciamaral1406@gmail.com

Sônia Regina Romancini

Discente do 10º Semestre do curso de Psicologia Centro
Universitário- UNIVAG – Campus Cuiabá
soniaromancini2@gmail.com

Juliana Batista Fitaroni

Supervisora do Estágio Específico II – Intervenções no Cotidiano
Supervisora de Campo e Coordenadora Clínica do Serviço de Psicologia – UNIVAG –
Campus Cuiabá
Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
juliana.fitaron@univag.edu.br

RESUMO

Este resumo expandido tem como objetivo refletir sobre a importância da comunicação interpessoal no processo psicoterapêutico à luz da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), com base na vivência do estágio supervisionado em Psicologia Clínica, realizado na Clínica-Escola do UNIVAG, em Cuiabá. A experiência clínica possibilitou observar que a comunicação autêntica e empática não apenas fortalece o vínculo terapêutico, mas também favorece a progressão do cliente em um continuum de desenvolvimento pessoal. Ademais, muitos clientes atendidos em contexto de clínica-escola apresentam dificuldades significativas de comunicação, o que exige do terapeuta em formação uma postura ainda mais sensível, congruente e adaptada à singularidade de cada cliente. O propósito deste trabalho é evidenciar como a comunicação, sustentada pelas atitudes facilitadoras da ACP, contribui para a ativação da presença do cliente e para a superação de barreiras comunicativas, articulando teoria e prática a partir do referencial acpista e de autores contemporâneos que dialogam com essa abordagem. A fundamentação teórica apoia-se na obra clássica de Rogers e Kinget (1977), que descreve os princípios da terapia não-diretiva e destaca a relevância da comunicação verdadeira como via para o encontro terapêutico. Os autores afirmam que “a congruência entre a experiência vivida e sua expressão é fundamental para uma relação autêntica” (Rogers; Kinget, 1977, p. 58). Rogers (1983), em Um jeito de ser, também enfatiza que “o que mais cura é a própria relação” (p. 63), reforçando a comunicação como veículo essencial de transformação. O estágio foi desenvolvido na disciplina Estágio Supervisionado Específico I, na Clínica-Escola do



UNIVAG, com atendimentos individuais mediados pela Abordagem Centrada na Pessoa, sob supervisão acadêmica. Durante as vivências clínicas, observou-se que a aplicação das atitudes facilitadoras — empatia, congruência e consideração positiva incondicional — permitiu que clientes com dificuldades iniciais de expressão se sentissem gradualmente mais seguros para se comunicar. De acordo com Moreira (2015, p. 102), “a escuta sensível e a presença autêntica do terapeuta são ferramentas capazes de romper barreiras comunicativas”. Esse fenômeno foi evidenciado em casos de clientes com traços de timidez, retraimento emocional e medo de exposição, nos quais a postura não-diretiva e acolhedora do terapeuta favoreceu a emergência de conteúdos subjetivos antes silenciados. A noção de processo como um continuum se mostrou igualmente presente na prática clínica. Wood (2012, p. 89) descreve que “o processo de tornar-se pessoa é gradual e contínuo, marcado por momentos de abertura e reorganização do *self*”. Assim, na experiência do estágio, foi possível observar que clientes que inicialmente apresentavam discursos fragmentados ou impessoais, ao se sentirem verdadeiramente acolhidos, passaram a acessar camadas mais profundas de sua experiência interna, demonstrando maior integração entre o vivido e o expresso. Esse movimento, longe de ser linear, revelou avanços e recuos naturais do processo de mudança, reforçando o caráter dinâmico e não diretivo da ACP. Em situações de bloqueio comunicativo mais intenso, a utilização de recursos não verbais mostrou-se uma estratégia valiosa para manter a qualidade da presença terapêutica. Silva e Costa (2018, p. 134) afirmam que, “em situações de bloqueio comunicativo, o terapeuta pode valer-se de recursos como desenhos, metáforas ou mesmo o silêncio compartilhado”. Na Clínica-Escola, tais recursos foram empregados de maneira cuidadosa e respeitosa, sempre considerando o ritmo e o estilo expressivo de cada cliente. O uso do silêncio como forma de comunicação autêntica mostrou-se especialmente potente, permitindo ao cliente experienciar-se de modo não verbal e acessar conteúdos emocionais profundos. Inspirados na hermenêutica filosófica de Gadamer, Miranda e Freire (2012) descrevem quatro fases no processo comunicativo entre terapeuta e cliente: a fase não diretiva, a reflexiva, a experiencial e a coletiva. Nessa perspectiva, a comunicação se transforma de um fluxo unidirecional — centrado na escuta do cliente — para uma troca bilateral, na qual o terapeuta também se expressa de modo congruente e responsivo. Na fase experiencial, há uma comunicação de mão dupla, marcada por um duplo movimento de expressão e escuta que favorece a consciência de si e do outro. Já na fase coletiva, ou transcendental, ocorre uma comunicação profunda, caracterizada por momentos de intensa conexão interpessoal. A supervisão clínica exerceu papel fundamental no manejo das situações de bloqueio comunicativo e no amadurecimento profissional da estagiária. Pereira e Brandão (2017, p. 77) destacam que “a supervisão permite ao estudante refletir sobre suas próprias reações e dificuldades na relação com o cliente”, promovendo autorreflexão e aprimoramento ético. No estágio, esse espaço foi essencial para elaborar sentimentos de ansiedade diante do silêncio, do impasse ou da falta de resposta verbal de alguns clientes, fortalecendo a confiança do estagiário em sua presença e escuta como instrumentos terapêuticos. Como considerações finais, destaca-se que a comunicação interpessoal na ACP, quando sustentada pelas atitudes facilitadoras, transcende a troca verbal e se torna um processo relacional de encontro e presença genuína. No contexto da Clínica-Escola, onde são frequentes os casos de clientes com bloqueios comunicativos, a postura acpista se revelou um caminho potente para promover abertura, confiança e autenticidade. A experiência do estágio reafirmou que a formação em Psicologia exige não apenas domínio teórico, mas também o exercício constante de escuta sensível, empatia e congruência. A comunicação, nesse sentido, constitui-se como um meio de cura e crescimento mútuo, tanto para o cliente quanto para o psicoterapeuta em formação, favorecendo a construção de uma prática clínica ética, humanizada e transformadora.



Palavras-chave: Comunicação Terapêutica. Abordagem Centrada na Pessoa. Dificuldades de Comunicação. Processo Terapêutico.

REFERÊNCIAS

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; FREIRE, José Célio. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 78-94, abr. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2025.

MOREIRA, Virginia. *Atualidades da Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo: Via Lettera, 2015.

PEREIRA, Eliane; BRANDÃO, Maria. A Relação Terapêutica com Pacientes com Timidez e Inibição. *Revista de Psicologia Clínica*, v. 29, n. 1, p. 70-82, 2017.

ROGERS, Carl R. *Um Jeito de Ser*. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva*. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SILVA, Roberto; COSTA, Liana. Intervenções com Crianças e Adolescentes na ACP: Recursos Expressivos e Comunicação Não-Verbal. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 20, n. 2, p. 128-142, 2018.

WOOD, John K. *Carl Rogers e o Processo de Tornar-se Pessoa*. Petrópolis: Vozes, 2012.